

A ANCESTRALIDADE JUDAICA: COSTUMES E TRADIÇÕES NO NORDESTE BRASILEIRO

Ana Paula Cavalcante Alencar Da Silva ¹

Emiliano González Díez ²

RESUMO

Este artigo parte do quadro de transformações ocorridos em fins do século XV na Península Ibérica que culminou com as assinaturas dos decretos de expulsão dos judeus dos reinos ibéricos, Decreto de Alhambra 1492 na Espanha e 1496 em Portugal, objetivando caracterizar a situação sociopolítica daquela minoria étnica e sua influência no processo de ocultação dos elementos marcadores da identidade judaica. Alguns dos quais ainda estão presentes no cotidiano de famílias nordestinas. O trabalho divide-se em duas partes: uma geral onde é tratado o contexto peninsular e o processo diásporico e parte específica fundamentada no trabalho etnográfico com entrevistas abertas, semiestruturadas realizadas em 2018/19 com indivíduos nordestinos, levando-nos à conclusão de que existe um conjunto de características que diferenciam as famílias, em especial, do interior, aproximando-as culturalmente daquele grupo diásporizado. Essas características ao serem descobertas como típicas da comunidade judaica ibérica gera novos conflitos de identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Diáspora, Memória e Identidade.

¹ *Doutoranda em Antropologia – Universidad de Salamanca - cavalcanteap11@gmail.com*

² *Doutor em Antropologia – Universidad de Burgos - gonzalez@ubu.es*

RESUMEN

Este artículo parte del marco de transformaciones que tuvieron lugar a finales del siglo XV en la Península Ibérica, que culminaron con la firma de los decretos de expulsión de judíos de los reinos ibéricos, el Decreto de la Alhambra 1492 en España y 1496 en Portugal, con el objetivo de caracterizar la situación sociopolítica de esa minoría étnica y su influencia en el proceso de ocultación de los elementos que marcan la identidad judía. Algunos de los cuales todavía están presentes en la vida cotidiana de las familias del noreste. El trabajo se divide en dos partes: una general donde se trata el contexto peninsular y el proceso diaspórico y una específica a partir de un trabajo etnográfico con entrevistas abiertas y semiestructuradas realizadas en 2018/19 con individuos del noreste, que nos llevan a la Conclusión que existe un conjunto de características que diferencian a las familias, especialmente del interior, acercándolas culturalmente a ese grupo diaspórico. Estas características, cuando se descubren como propias de la comunidad judía ibérica, generan nuevos conflictos de identidad.

PALABRAS CLAVE: Diáspora, Memoria e Identidad.

INTRODUÇÃO

A presente comunicação é fragmento da pesquisa desenvolvida em dissertação de mestrado, que teve como objetivo analisar a presença de costumes e tradições da comunidade judaica ibérica no cotidiano de famílias nordestinas. Considera-se a separação étnico-espacial de cristãos e judeus nas zonas intramuralhas da Sefarad¹ medieval, como parte do cenário de um processo histórico que impõe a saída dos judeus forçados da Península Ibérica para lugares diversos, inclusive para o Brasil. Tal recomeço ainda que impositivo, costurou o tecido social brasileiro com tradições e costumes próprios das famílias sefarditas.

O texto ora apresentado propõe uma reflexão a cerca de fatos do cotidiano como fontes históricas e memórias individuais constroem a memória coletiva. Para Le Goff, a forma científica da memória é a história. Cremos que o pensar historicamente é exercício de reflexão, possibilidade de contestar valores petrificados enquanto abre espaço para novos debates sobre velhos temas.

Aqui, revisitar os porões da história tem por objetivo fortalecer os pilares da antropologia na perspectiva do antropólogo Ingold, o qual afirma que “As nossas condições atuais foram moldadas pelas ações de gerações passadas que não podem ser desfeitas, assim como as nossas próprias ações, por sua vez, conformarão irremediavelmente as condições do futuro.” (Ingold, 2019, p. 9)

O antropólogo pergunta o que poderia tornar a vida sustentável, não para alguns em detrimento de outros, mas para todos? Além de sustentável, o que tornaria a convivência entre os humanos mais harmoniosa? Quais ferramentas da antropologia aproximam o fazer do antropólogo a existência do mundo onde homens se reconhecem como pertencente a uma mesma espécie –homo sapiens-, porém com multiformes sabedorias, com cores e formas diferentes, todas com beleza singular.

Aprendemos com o professor Ingold que o objetivo da antropologia não é etnográfico, é educativo, com potencial de transformar as nossas vidas e daqueles com quem trabalhamos. Certamente o futuro está sendo gestado no presente, Ingold tem razão, as nossas próprias ações conformarão as condições do futuro. A antropologia que educa e transforma é a mesma que dá voz aos silenciados.

A data de 31 de março precisa ser lembrado para que a humanidade não esqueça de lutar contra a discriminação e o preconceito. De acordo com Ingold, a antropologia possui quatro características fundamentais, ela é generosa, infundável, comparativa e crítica. Generosa ao emprestar seus ouvidos para escutar, infundável no sentido de não limitar o caminho, comparativa ao reconhecer as várias formas de viver em sua essência e crítica no sentido de não se conformar com a situação atual. Seriam estas as ferramentas para construção de um futuro sem soluções definitivas onde o conhecimento se dispõe a responder a difícil questão de como construir uma sociedade mais justa, ética, uma sociedade que não necessite eliminar o diferente. Mello (1982) afirma que a ciência como atividade específica não exista para tornar a vida do homem melhor sobre a terra, mas os resultados científicos podem ser aproveitados com esse fim.

As especificidades do ano de 2020, os desafios que enfrentamos como espécie com o intuito de nos proteger e proteger o semelhante constituem oportunidade para a humanidade a refletir sobre sua existência e seus propósitos existenciais. A fragilidade humana nesse momento lembra Marx e Engels (1852)³ quando afirmaram que “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua própria livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.

O COVID 19 de certa maneira limitou nossas escolhas, nos impôs um estilo de vida sob circunstâncias que demandam grande capacidade de adaptação, face as modificações impostas no âmbito profissional, escolar e familiar como um todo, em última análise, o contexto imposto pela pandemia não é impeditivo para pensar no amanhã, é oportunidade de abrir novos debates acerca da existência humana, suas necessidades de adaptação para sobreviver, prioridades e perspectivas de futuro. Nesse momento propício para repensar valores e práticas humanas, 31 de novembro de 2021, data em que o Decreto de Alhambra⁴ completa 529 anos, suas causas e efeitos ainda dividem especialistas.

³ 18 brumário de Luís Bonaparte

⁴ Decreto de 1492, também conhecido como Édito de Granada ou Édito de Expulsão, assinado pelos reis católicos da Espanha, determinando a expulsão de seu reino de todos os judeus não convertidos ao catolicismo.

Este artigo tem seu foco nos desdobramentos do referido decreto real considerando o efeito transcontinental da medida jurídica imposta aos judeus pela monarquia espanhola inicialmente, seguida por Portugal pois dela decorre a emigração de judeus, cristãos-novos ou cristãos-velhos, visto que, teoricamente, no século XVI não havia mais judeus nos reinos ibéricos.

Ainda que neste trabalho se recorra inicialmente ao conhecimento histórico, apoiado em Le Goff com o conceito de História e Memória, seu eixo é antropológico, apoiado em Benedict com a “Ciência do costume”, além de Hall com “Diáspora e Identidade”.

1. O PROCESSO DE CENTRALIZAÇÃO POLÍTICA NA PENÍNSULA IBÉRICA E A REMODELAÇÃO DOS ESPAÇOS.

A escrita do presente artigo, traz consigo a proposta de redescobrir interessantes aspectos do contexto histórico dos séculos XIV e XV, quando em meio às Guerras de Reconquista Cristã observa-se o acirramento das tensões polícoreligiosas promovidas pelos cristãos em sua busca desenfreada pelo poder através de estratégias de discriminação, isolamento e espectáculos conhecidos como autos de fé promovidos pelos braços da inquisição devidamente autorizada pela monarquia, percebe-se de imediato a interdependência entre o político e o religioso, característica dos Estados Modernos.

No âmbito da história muito se tem produzido sobre a Inquisição, seus mecanismos de atuação, alcance de seus tentáculos e diásporas decorrentes desse fático quadro. No Brasil, muitos nomes podem ser elencados. Fato é que a multiplicação dos trabalhos sobre a Inquisição e o antissemitismo enquanto fenômeno social possibilita a sensibilização e novos debates sobre a intolerância dos homens entrincheirados em suas meias verdades.

Pesquisas ligadas também a genealogia e mais recentemente as doenças genéticas raras se multiplicam pelo nordeste revelando comunidades cujos costumes aparentemente resistem ao tempo e populações como a da cidade de Tabuleiro do Norte, município do Ceará com incidência da Síndrome de Gaucher dez vezes maior do que no restante do mundo, a prevalência de doenças genéticas raras no nordeste brasileiro estão associadas aos casamentos endogâmicos, pesquisadores como Chaves explicam o fenômeno ligado ao “Efeito Fundador”, este é apenas um dos pesquisadores do tema cuja transversalidade alcança o patamar de questão

de saúde pública.

A relevância de pesquisas sobre a origem semita do nordestino transcende o campo da história e da antropologia cultural. Durante o trabalho de campo referido anteriormente nos deparamos com alguns casos em que se percebe que os indivíduos buscam resgatar os vínculos com a religião e língua originária de seus antepassados, utilizam “orações recitadas”, alguns fazem uso de palavras em hebraico, como forma de identificação e resgate cultural.

Todo esse quadro relatado carrega consigo uma interrogação: como os costumes e tradições identificados como típicos da comunidade ibérica sefardita foram costurados no tecido sócio-cultural do homem do sertão do Brasil? O efeito fundador, a necessidade de se restaurar as raízes judaicas. Trata-se de uma idiosincrasia coletiva?

Para uma melhor compreensão do que aqui se propõe, é conveniente rever alguns aspectos do processo de centralização política dos Estados de Portugal e Espanha considerando que tais centralizações foram realizadas sob a bandeira da religião católica, os estados formados, eram também resultantes da aliança entre o poder político e o poder religioso. O conceito de identidade construído nesse contexto é de identidade religiosa, católica, não havendo espaço para o não praticante dessa religiosidade.

Carcel (1990), afirma: “Este libro pretende superar lo que ha sido una constante entre la mayoría de los historiadores: la fijación por juzgar o valorar la significación del influencia negativa de su larga presencia en nuestro país”.

Adota-se aqui o pensamento de Carcel no intuito de descobrir algo positivo, caso exista, em todo o quadro de perseguição aos judeus sefarditas. Não se pretende minimizar o estudo ou aspectos das técnicas processuais e abusos relativos a Inquisição, mas apenas tentar olhar em outra direção.

Observemos o que diz Le Goff quando explica sobre as particularidades que definem cada grupo, associando-os às minorias:

A memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido, pois ele acaba por capacitar o homem a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana. O passado só permanece “vivo” através de trabalhos de síntese da memória, que nos dão a oportunidade de revivê-lo a partir do momento em que o indivíduo passa a

compartilhar suas experiências, tornando com isso a memória “viva”. (LE GOFF, 1982, p. 15. Grifos do autor.)

O trabalho de campo realizado durante o mestrado permitiu acessar informações da memória individual dos entrevistados de maneira que o resgate histórico de informações do passado de comunidades do nordeste brasileiro indicando forte vínculo das mesmas com o segmento que deixou a Península Ibérica em fins do século XV e início do XVI.

É necessário compreender os homens em seus tempos, fazendo uso das informações contidas na “Memória” para atualizar as impressões do passado a fim de evitar repetir seus males no tempo presente, ainda que de forma velada ou em menor proporção como o fazem os antissemitas da atualidade.

É necessário entender que as famílias diaspORIZADAS não caminham vazias, levam consigo saberes, conhecimentos adquiridos, internalizados na mente e na alma e no local de recomeço, na terra que as recebe tendem a reconstruir os espaços de memória que lhes foi arrancado.

O processo de adaptação não é fácil, contudo, tais indivíduos não estão sozinhos e o recomeço exige novas negociações de identidade numa perspectiva micro de núcleo familiar e macro com a comunidade que as recebe. Assim sendo, é indiscutível a necessidade de interação e integração, ainda que os princípios e crenças mais profundos necessitem permanecer ocultos não implica que foram esquecidos. Com Hall (2003) aprendemos que na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas.

1.1. O ESCUTAR, LEMBRAR, GUARDAR E ENSINAR, FERRAMENTAS DA MEMÓRIA NO SH’MAH.

Os saberes e valores próprios das famílias judias são repassados para seus descendentes desde o nascimento, na carne, a circuncisão dos meninos, às mulheres a responsabilidade de zelar pelo cumprimento das regras alimentares, da preparação para as festividades e ensinar aos filhos a tradição recebida dos pais. A mais antiga referência com força de lei do judeu, relacionada ao ato de lembrar para impedir o esquecimento e preservar da

memória, sua transmissão oral e a valorização da mesma como argamassa cultural encontra-se nas palavras ensinadas aos hebreus durante a peregrinação no deserto.

Escuta, Israel! O Eterno é nosso Deus, o Eterno é um! E amarás o Eterno, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas posses. *E estarão estas palavras que eu te ordeno hoje no teu coração, e as inculcarás a teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando no caminho, ao deitar-te e ao levantar-te. (Deuteronômio 6:4-7)*

Os verbos utilizados visam a formação de um todo ligado ao ato de lembrar. Categoricamente traçam as regras do processo de ensino aprendizagem, escuta, ouve Israel, mas não basta ouvir é necessário guardar no coração, internalizar, a partir daí, a naturalidade da prática se materializará na verbalização linguística [fala] e atitudinal [ação], “falarás”; fala sentado, andando, ao deitar e ao levantar, fala para quem? Para os filhos, o falar para os filhos torna possível o ato de inculcar nos filhos.

Será este um ato meramente religioso? O mandamento ganha maior força através de seus símbolos: “e as atarás como sinal na tua mão, e serão por filactérios [teflin] entre os teus olhos, e as escreverás nos umbrais [mezuzót] de tua casa e nas tuas portas... Quando te perguntar teu filho *amanhã* dizendo: *Que significam os testemunhos, os estatutos e os juízos que o Eterno, nosso Deus vos ordenou?*”

A continuidade dos ensinamentos e a explicação de seus significados estão expressos na necessidade do povo não esquecer de onde saiu (Egito), quem ele é, seu papel na história da humanidade. Ora o preceito com força de lei, o inculcar nos filhos as palavras e o explicar suas origens ensinam que entre outras coisas, asseguram a relação daqueles homens com seu Deus e projetando essa relação para muito além disso; trata-se de assegurar a continuidade futura [amanhã] das práticas do grupo, aquilo que lhe confere identidade. Os vários textos sobre educação e memória nas escrituras dos hebreus, escorrem como água entre as folhas.

Tais ensinamentos, ao serem executados, se tornaram elementos identificadores de um povo, elementos listados no Monitório, manual produzido pela Inquisição para ensinar as pessoas a reconhecer um judaizante, são os mesmos elementos que conferiram força incomum aos judeus sefaraditas para enfrentar aqueles que tentaram destituí-los de sua singularidade.

Interessante notar que, seus perseguidores, sem saber, em suas ações para eliminá-los e extirpar da sociedade suas práticas “malditas”, promoveram a diáspora sefaradita para a América, especificamente no nordeste do Brasil, onde até hoje é possível identificar um judaizante. Essas vítimas da intolerância ibérica deixaram seus traços de identidade cultural e religiosa pelos caminhos que percorreram fugindo das perseguições. Na bagagem da mente e da alma carregaram os ensinamentos do Sinai. Benedict (2013) afirma: “O que realmente une os homens é a sua cultura, as ideias e normas que eles têm em comum, os costumes e tradições”.

Le Goff (1982), quando trata da memória, esclarece que ela finda por impedir que o passado seja totalmente esquecido, ao mesmo tempo em que capacita o indivíduo a atualizar impressões ou informações passadas.

É no intuito de ressaltar a atualidade e aplicabilidade do princípio do mandamento tantas vezes repetidos na Torah, semanalmente revividos em terras brasileiras, em particular no nordeste brasileiro, pessoas simples cultas e incultas da região como de Seridó, região do sertão nordestino conhecida como celeiro de descendentes dos forçados, que através da cerimônia de recebimento do shabbath no cair da tarde da sexta-feira, conserva na tradição a memória de seus antepassados.

No momento em que a mulher acende as duas velas simbolizando o lembrar e o guardar eternizado no costume da família, ela revive, não o judaísmo, mas as experiências compartilhadas por sua mãe que aprendeu com sua vó; fragmentos de uma imensa rede de costumes disseminados no interior do nordeste brasileiro pelo judeu travestido de cristão novo que embrenhando interior adentro buscava liberdade para viver, liberdade para manter suas crenças e tradições.

Nossa intenção nesse trabalho não é de caráter religioso, contudo, reconhecemos a total impossibilidade de tratar de traços de identidade do judeu sefaradita com vestes de cristão novo sem cruzar os caminhos da fé e da religião.

1.2. AS PARTICULARIDADES DOS TEMPOS E DOS HOMENS.

O trabalho etnográfico realizado em 2019/2020 favoreceu o conhecimento do Museu da Intolerância em São Paulo, Museu da Inquisição em Belo Horizonte, Museu Itinerante da

Inquisição, além das muitas publicações acadêmicas com os mais diversos vieses, além do crescente mundo de pesquisas genealógicas com o fim de obter cidadania europeia.

As entrevistas focais e entrevistas estruturadas expuseram o delicado tecido de costumes e tradições sefaraditas presentes na memória brasileira, “naturais”, “de família”, “próprios dos nordestinos” costurados com a invisibilidade do preconceito, intolerância e antissemitismo, homens e mulheres que mantêm em seu cotidiano costumes de origem judaica mas não o sabem, que conservam práticas religiosas de origem judaica, entendem que estão dando continuidade aos costumes de família e alguns outros que buscam reparação através da cidadania espanhola ou portuguesa, há também aqueles para quem a cidadania em nada importa, visto que se reconhecem descendentes dos judeus perseguidos pela inquisição ibérica, conservam suas tradições e isso lhes basta. Acerca deste, vejamos as palavras de Muñoz:

La historia es acumulativa y esencialmente inmutable; nada podemos hacer por cambiar lo sucedido, ni es factible borrar aquello que hoy no parece oportuno o nos incomoda, pero también, como la vida para García Márquez, la historia no es sólo lo que ocurrió, sino lo que se recuerda y cómo se recuerda. Los sucesos del tiempo pasado, aunque no alterarse ni eliminarse, sí pueden rememorarse y analizarse de diferentes maneras y con diferentes objetivos; por eso cada generación evoca y celebra unos acontecimientos y olvida otros. Junto a la inmutabilidad de lo que fue convive la variedad de interpretaciones y la iluminación o sombreado de figuras y hechos. Es el juego apasionante entre el pasado y el presente, la historia como experiencia y la historia como esperanza. (MUÑOZ, 2010, p. 5)

O catedrático de História Medieval da Universidade de Zaragoza escrevendo a apresentação da obra *La Corona de Aragón en el centro de su Historia 1208-1458 -La Monarquía aragonesa y los reinos de la Corona* sinaliza para a impossibilidade de apagar o passado enquanto aponta a maneira de interpretar os fatos, especialmente na maneira de analisar os fatos.

De forma que, é indiscutível o fato da história ter usos diversos, “para que” e “para quem” se escreve a história, contudo a maneira como vemos determina a escrita. Não podemos apagar o passado, mas podemos aprender com ele de maneira que ele não nos aprisione, nos impedindo de continuar buscando um mundo mais humanizado, naquilo que temos de mais nobre no humano.

Sovik (2002) cita Hall “Mais importante do que fazer discípulos é alimentar o debate sobre a temática”. Sim, carecemos de debates que soprem para longe a intolerância e a cegueira de desconhecer ou negar sua origem por medo da rejeição.

A *guerra e a fé* constituem as bases da sociedade medieval, são também os pilares da formação dos estados centralizados, Portugal e Espanha dos Tempos Modernos. Centralizados politicamente a partir da eliminação do regionalismo feudal, o novo estado além de ter um caráter ambíguo, em seu nascedouro enfrentou o desafio de ser uma monarquia plural étnica, cultural e religiosamente, cujo fortalecimento dependia da eliminação da pluralidade.

A conquista da unidade política aliada com a Igreja Católica teve um alto preço, a expulsão dos judeus levaram cidades a decadência econômica, sem falar no prejuízo cultural, pois aquela minoria juntamente com os árabes eram a elite intelectual de Espanha e Portugal.

O que a monarquia e a Inquisição não imaginavam era que tentar eliminar os judeus do reino, forçar o movimento diaspórico ibérico estaria contribuindo para transformar a demografia judaica estabelecendo uma ponte para a América. Para judeus praticantes ou judeus católicos, o Brasil na condição de colônia de Portugal representava a possibilidade de recomeço distante do olhar inquisitorial.

Silva (2014) fala de duas diásporas, dos judeus sefarditas e dos cristãos-novos, ligadas por laços familiares e religiosos construindo as redes comerciais dos tempos modernos com capacidade de transpor os limites estabelecidos pelas religiosidades da época, suas raízes foram renovadas no nordeste do Brasil.

2. CENÁRIOS NEBLULOSOS ALIMENTANDO SONHOS E ESPERANÇAS.

A importância socioeconômica e cultural de árabes e judeus no processo de construção do conceito de identidade religiosa do europeu português e espanhol, bem como, a posterior perseguição, e exclusão dos mesmos, constitui condição sine qua non para a compreensão das particularidades do pensamento inquisitorial, bem como da necessidade de negação da identidade judaica tanto na Península Ibérica quanto no Brasil. Apesar da distância, o medo de ser denunciado fez muitos judeus esconderem até de seus filhos sua ascendência.

Hall assim explica as particularidades que definem a identidade de cada grupo:

A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças, nesse caso entre grupos étnicos, são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e momentos particulares (...). Nesse sentido, a emergência dessas diferentes identidades é histórica; ela está localizada em um ponto específico no tempo. Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos. (HALL, WOODWARD, SILVA, 2014, p. 11)

O que há de especial nesses processos? Seria a remodelagem geopolítico responsável pela construção de uma identidade nacional fundamentada no conflito religioso? Os longos processos representados na sequência de mapas respingariam fora do espaço geográfico em ocorreram? Respondendo o questionário que aplicamos em nosso trabalho de campo, ASQ, o entrevistado, assim responde o item sobre ter buscado a origem de sua família.

Não busquei. Descobri por acaso pois comentei com meu pai que a nossa região é marcada pela presença de descendentes de judeus, inclusive com forte influência na culinária local que não existe em nenhum outro local de Nordeste (a culinária da região do Seridó é única). Nisso, meu pai relatou que éramos descendentes de judeus sefaraditas e me deu um livro da nossa família que descreve a árvore genealógica.

A redescoberta desse passado é parte do elemento do mosaico representativo da construção da identidade étnica e cultural brasileira, influenciada pela diáspora sefaradita. Em Hall (2003) encontramos resposta para o paradoxo entre identidade e diferença das natureza intrinsecamente hibridizada de toda identidade e das identidades diaspóricas, ele afirma que “a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto e não uma essência ou substância que deva ser examinada”.

Ouvimos durante o trabalho de campo que os nordestinos não podem ser judeus se não se converterem ao judaísmo ao que um entrevistado respondeu: “Não vejo necessidade de me converter a uma religião para confirmar aquilo que sei que sou”.

A descoberta da ascendência judaica da população brasileira parece refletir-se na forma como estão se identificando os nordestinos em resposta ao Censo realizado pelo IBGE . Em breve consulta aos dados do IBGE (Figura 2), descobrimos um crescimento de 47% de pessoas que se declaram praticantes da religião judaica ou israelita no Nordeste brasileiro, dado que deanda investigação. Como explicar tal crescimento?

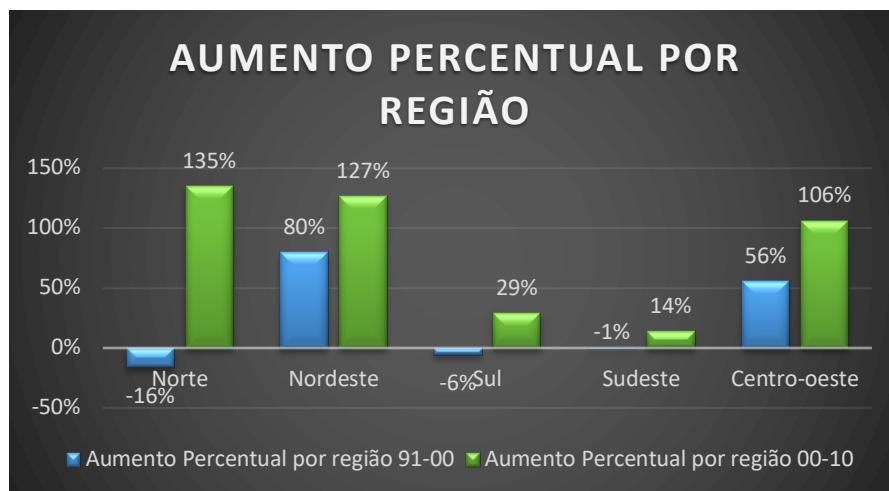


Gráfico 1: Aumento percentual de praticantes do judaísmo por região segundo IBGE (Período de 1991 a 2010) Elaboração própria.

Seria a redescoberta da ascendência judaica responsável por tal crescimento? Estariam os nordestinos se convertendo mais ao judaísmo? No momento não temos resposta para tais perguntas, parece-nos porém que não se trata de crescimento da comunidade judaica descendente de mãe judia.

2.1 CONCEITOS VARIANTES DE UM MESMO PROCESSO: INTERRELAÇÕES HISTÓRICO ANTROPOLÓGICAS DE UM MESMO TEMA.

Muitas são as linhas de debates relativas à identidade dos cristãos novos, quando identificamos rastros da cultura sefardita no Nordeste do Brasil, seus costumes e tradições passados de geração para geração, nos aportamos em Benedict (2013) e Cascudo (1967) para melhor analisarmos a permanência desses agentes na cultura do nordestino.

De início, nos chama a atenção o relato de AS: Na família da minha avó paterna, principalmente, não se come carne malpassada ou que tenha presença de sangue, nem porco... também existe um costume que é constante casamento entre primos na minha família (minha árvore genealógica por exemplo é bem confusa pois sempre envolve as mesmas pessoas praticamente).

Ainda que hajam controvérsias sobre o assunto, é inegável a origem de tais práticas, que de tão naturais não necessitam de explicação, tal como em seu ambiente original também o eram, até começarem as perseguições promovidas pela inquisição.

A atuação do Tribunal da Inquisição encontrou amparo na Coroa, Green (2011) relata as festividades preparadas na cidade de Évora, distante apenas 60 km da fronteira com a Espanha, para celebrar o casamento real de Afonso com a princesa espanhola Isabel apresenta a chegada da princesa a Évora no dia 27 de novembro de 1490

Segue afirmando que:

O ambiente festivo com baile de máscaras, farsas encenadas pelos judeus e muçulmanos segundo as tradições da corte da época foi substituído pela procissão e a preparação dos grandes teatros de auto de fé. Em Portugal, exatamente nove anos depois do estabelecimento da Inquisição em Portugal, a mesma comunidade que havia festejado o matrimônio de Afonso com Isabel assistiu no dia 19 de janeiro de 1545, o promotor do Santo Ofício da Inquisição em Évora apresentar as provas contra o mercador Álvaro de Leão e sua esposa Lianor de Carvajal, fugitivos da inquisição espanhola estabelecidos em Portugal. (GREEN, 2011, p. 71)

Vejamos o seguinte caso apresentado por Green (2011, p. 71):

O acusado: Álvaro de Leão, 30 anos, vivia nas colinas desertas entre Mogadouro e o povoado de Cortiços. Todas essas informações nos fazem pensar qual seria a natureza da acusação que pesava sobre os ombros de Álvaro Leão.

Segundo o autor, o teor da acusação foi:

[...] foi visto a praticar a lei de Moisés e suas cerimônias, obedecendo aos jejuns judaicos, sem se alimentar até que as estrelas aparecessem, e dando esmolas aos convertidos em uma espécie de sinagoga, como tzedakah⁵. Álvaro de leão, orava como um judeu. Reunia-se com outros convertidos em uma espécie de sinagoga, obedecia ao sabá⁶ judaico, acendia velas às sextas-feiras e recusava-se a trabalhar aos sábados. Leão e a esposa, Lianor de Carvajal, suspeitos de serem judaizante. (GREEN, 2011 p. 71)

Denotamos aqui as tradições de família denunciando as origens, se verdadeiros os argumentos apresentados não sabemos, mas sabemos que o orar como judeu ainda é um costume do Sr. Inácio Amaral de Lima, morador da cidade de Riachão do Bacamarte – PB. Sua filha Lídia nos relatou que sua aproximação com as tradições do judaísmo causou estranheza

⁵ Palavra em hebraico que significa justiça. É a obrigação que todo judeu tem de doar algo de si, quantificado em no mínimo 10% dos ganhos, ao necessitado judeu ou filho de Noé.

⁶ Sabá ou Shabat é o sábado, dia de descanso do judaísmo e o sétimo dia da semana.

aos familiares e em meio a uma conversa sobre o assunto com seu pai, ela lhe perguntou quem havia lhe ensinado a orar com o lençol sobre a cabeça? Ao que respondeu ser tradição familiar orar com a cabeça coberta, era um ato respeitoso, religioso. O ato respeitoso presente na família do Sr. Amaral de Lima era de origem desconhecida para ele, mas não o era para os inquisidores pois fazia parte dos ritos dos judaizantes.

Voltando à discussão que permeia a relação entre os judeus sefaraditas com os judeus nordestinos, encontramos as tradições do passado distante mais de cinco séculos e o presente de um homem de um município localizado na Região Metropolitana de Itabaiana, distante cerca de 101 km de João Pessoa, capital da Paraíba, que de acordo com os dados do IBGE, contava em 2011 com uma população estimada em 4.312 habitantes, distribuídos em 38 km² de área, nos leva a refletir sobre todos esses processos envolvendo os costumes de família.

Examinemos os argumentos de defesa apresentados por Álvaro de Leão:

- Trabalhava aos sábados como nos outros dias da semana;
- Era conhecido como bom cristão que sempre ia à missa aos domingos e dias santos;
- Pagava pela celebração das missas durante o ano;
- Fora batizado aos 8 anos de idade, com os demais cristãos;
- Era um cristão devoto e não havia razão para que duvidassem de sua boa-fé. Seu irmão Jorge e a esposa Branca, seu tio materno, Bernardo López, também foi preso sob acusação de judaizar.

O caso dessa família, prováveis refugiados da Espanha em Portugal, ilustra a atmosfera religiosa de Portugal, atmosfera que tornou insuportável a vida de milhares de pessoas, muitas das quais, obrigadas a conversão para salvar suas vidas.

As multiformes estratégias de sobrevivência e lições do passado fomentam as discussões sobre a experiência da dúvida e da incerteza dos homens e suas ideias compactadas.

Hoy nadie puede dudar de la influencia negativa de su larga presencia en nuestro país... Pero la historia nada avanza con la repetición de los tópicos sobre las perversidades de la inquisición. La función de los historiadores es, a nuestro juicio, despojar a la historia de toda leyenda; se trata, pues, de poner en evidencia las razones y sinrazones del sistema inquisitorial, desmenuzar su técnica procesal, analizar su proyección social, ejercer de espectadores y no de inquisidores, en definitiva, mostrar la historia para no repetir lo malo de la misma. (CARCEL, 1990, p. 4)

Qual a função da Antropologia e dos antropólogos no contexto das temáticas aqui apresentadas?

As influências da comunidade judaica brasileira vêm sendo reconstruída aos poucos, o silêncio quebrado pede as possíveis explicações, talvez pelo fato de que, durante muito tempo, as análises sobre a configuração da identidade étnica e cultural brasileira tiveram como base o estudo sobre mito das três raças fundadoras: o negro, o índio e o branco europeu”.

De acordo com Benedicth (2013, p. 14), “o estudo dos costumes só pode ser útil quando certas proposições preliminares são aceitas. Em primeiro lugar, seja qual for o estudo científico de que se trate, é preciso que não se dê preferência a nenhum dos aspectos que a pesquisa se propõe a abordar”, ao que acrescenta: o método de estudo necessário consiste em agrupar o material pertinente e atentar para todas as possíveis variações de formas e condições”. No estudo dos costumes há que se ter maior atenção a essas possíveis variações e condições. Os visíveis relatos de práticas judaicas no interior do nordeste brasileiro são ecos daquela cultura silenciada em Sefaradi.

A beleza da Antropologia está na essência de uma ciência que não só reconhece as múltiplas formas de viver mas também respeita cada uma sem discriminá-las ou crer na superioridade de uma sobre a outra. Daí o respeito pela diversidade, pelo direito do outro com suas escolhas o que não significa concordância, mas respeito, em seu fazer diário, o antropólogo trabalha em prol da coletividade, deixa sua marca no processo de humanização do humano, no trabalho de construção de um mundo mais preocupado com o outro.

Os fundamentos da antropologia contemporânea permitem aliar ações críticas e comparativas com a paixão do adolescente e a sabedoria da ciência. O que une a paixão do adolescente e a sabedoria do conhecimento? A necessidade de tornar a caminhada segura para aqueles que virão.

A atual investigação em torno dos traços históricos e culturais da comunidade judia ibérica no nordeste brasileiro como parte do universo judaico brasileiro, abre espaço para novos debates em torno de questões como o fator fundador que explica a prevalência de doenças rara

no nordeste brasileiro, desvela o fenômeno de retorno as raízes judaicas, teshuvá⁷ e os novos conflitos de identidade. O estudo das manifestações culturais e da ancestralidade do nordestino carece do rigor antropológico.

CONCLUSÃO.

Neste artigo contextualizou-se a diáspora sefardita no quadro de formação do Estado Moderno com o objetivo de melhor compreensão das estratégias de ocultação da identidade judaica nos territórios pertencentes às monarquias espanhola e portuguesa, comportamento que acompanhou as famílias diasporizadas para o nordeste brasileiro.

Por meio da pesquisa etnográfica com abordagem qualitativa, foram realizadas entrevistas focais documentadas em vídeo e aplicados questionários estruturados durante os anos de 2019/2020, os quais permitiram a identificação de costumes e tradições tidos como “costumes de família” na região nordeste do Brasil com fortes elementos simbólicos da comunidade judaica ibérica.

Procurou-se inicialmente analisar o contexto histórico em que ocorreram as assinaturas dos decretos de expulsão dos judeus dos reinos católicos ibéricos em função da aliança entre o poder político e o religioso o que leva a compreensão de que a comunidade política daquele período estava identificada com a fé cristã e os reis católicos não podiam adotar medidas contrárias aos valores da igreja. Assim, a instauração da Inquisição foi também um ato legal do estado, de certa forma podemos afirmar que o criptojudaísmo é filho da inquisição, ela o gerou.

⁷ Em hebraico תשובה, literalmente retorno. De acordo com o Chabad, tshuvá significa arrependimento de alguma coisa errada e não fazê-la novamente. No site <https://pt.chabad.org>, encontramos orientações sobre como melhorar o que foi feito de errado e arrumar a confusão resultante do erro. 4 dicas são assim elencadas:

1. Confissão do erro;
2. Conserto desculpando-se ou compensando o outro;
3. Caridade: um erro diminui a vida, caridade significa dar vida. A caridade cura o mundo e também a alma;
4. Elevação da alma através da compensação e da busca do conhecimento: O erro age como inércia para arrastar você para baixo. Você precisa transformá-lo num incentivo para elevar você.

A ocultação da identidade judaica, as estratégias para esconder a judaicidade foram resultantes da política inquisitorial. As práticas judaizantes enumeradas no Monitório com fim de identificar quem era judeus ainda são válidas, por elas os nordestinos revelam sua origem. Tais marcadores de identidade como os casamentos endogâmicos tão comuns do sertão nordestino são considerados os responsáveis pelos clusters de doenças genéticas raras na região nordeste.

Faz-se necessário prosseguir os estudos dessa genética como o faz Alysson Farias ao pesquisar “A ancestralidade de populações do nordeste brasileiro com elevada frequência de casamentos consanguíneos e prevalência de doenças genéticas raras” ou Chaves pesquisando a “Consanguinidade e efeito fundador em população de Tabuleiro do Norte-CE”.

Ao questionamento inicial, somaram-se novos, alguns deles aguardando novas pesquisa para responde-los. Quanto aos iniciais, podemos afirmar com segurança que aqueles costumes, marcadores de identidade dos judeus de Espanha e Portugal, sobreviveram às perseguições, além disso, o redescobrir as origens de tais práticas tem desencadeado novos desafios para os descendentes dos forçados quando buscam resgatar a identidade religiosa e cultural, em particular quando não entendem a necessidade de conversão ao judaísmo para alcançar o status de judeu se os mesmos se percebem judeus, se autoidentificam como judeus.

Creemos que em breve o estado de Israel e a elite da comunidade rabínica precisará posicionar-se sobre os conflitos de identidade dos descendentes dos forçados. Penso que o papel da Antropologia é nobre, recorro os ensinamentos do professor Ingold citado no início desse trabalho. A Antropologia é uma investigação generosa quando se propõe escutar, infundável por não se enclausurar na busca de novos caminhos, comparativa no sentido de reconhecer cada forma de viver em sua essência sem que haja uma superior a outra e crítica no sentido de não podermos nos conformar com a situação atual. O trabalho do antropólogo deve ter entre outras a função de responder questões, produzir conhecimento científico útil aos homens empenhados na construção de pontes para um futuro livre da intolerância, do preconceito e do antissemitismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2013.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Mouros, Franceses e Judeus**. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1967.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O anti-semitismo nas américas**. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- CARCEL, Ricardo Garcia. **La inquisición**. Madrid, Grupo Anaya S.A, 1990.
- GREEN, Toby. **Inquisição: O reinado do medo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2011.
- HALL, Stuart., SOVIK, Liv (ORG.). **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- INGOLD, Tim. **Antropologia: Para que serve?**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- INGOLD, Tim. **Why we need Anthropology por Tim Ingold**. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=3392649950744973>. Acesso em: 05 de março 2020.
- LE GOFF, Jacques. **História & Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1982.
- LIMA, Cândido Pinheiro Koren de. et al. **O Legado do Rabino Abraham Senior**. Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2008.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.
- MONTENEGRO, Enrique Cantera. **Los últimos tiempos de la presencia judía en Calahorra y la rioja**. Kalakorikos (10), 57-85, 2005. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1356220>, Acesso em: 06 de novembro de 2020.
- MUÑOZ, José Ángel Sesma. (Org.). **La Corona de Aragón en el centro de su historia 1208-1458**. Zaragoza: Grupo de Investigación de Excelencia C.E.M.A: Gobierno de Aragon, 2010. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=569894>, Acesso em: 04 de outubro de 2020.
- HALL, Stuart., WOODWARD, Kathryn., SILVA, Tomas Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença** (15ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.
- Torá – A lei de Moisés**. São Paulo: Editora Sêfer, 2001.